

O CONTEXTO REFLETIDO

Maria Marta Furlanetto¹

VOESE, Ingo. O contexto refletido: vozes sobrepostas de um diálogo. Tubarão: Editora da Unisul, 2007. 120 p.)

O contexto refletido: vozes sobrepostas de um diálogo, de Ingo Voese, é a obra de lançamento da *Coleção Linguagens*, do Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Em síntese, o autor centraliza suas preocupações em torno dos termos *discurso*, *subjetividade*, *contexto*, *dialogia* e *polifonia*. Aponta como objetivo de seu estudo compreender a complexa relação entre o que está posto como contexto e o que está sendo produzido por aquele que se enuncia, que sofre a injunção de fazer escolhas e apropriar-se de vozes que circulam na sociedade, produzindo um discurso constitutivamente dialógico. Com isso, espera que a reflexão a operar sobre as formas de inclusão de vozes por um enunciador possa mostrar as condições fundamentais da produção e da apreensão do discurso. O autor se pergunta sobre as determinações sociais que operam para que se processe a apropriação de vozes e a interpretação – em suma, para que se efetive a interação humana *com* o discurso e *sobre* o discurso. Espera também, a partir do discurso, compreender e explicitar o modo de organização social em determinado contexto sociopolítico, optando por gêneros do humor irônico no plano da análise, observando mais especificamente, aí, as formas de *citação* (em sentido amplo).

Autor de várias outras obras² em que se mostra angustiado pela desumanização do mundo dos homens, é uma constante, no trabalho de Voese, o olhar atento para “os efeitos dos equívocos conceituais e operacionais e a importância do discurso para a sua superação”. Trata o discurso, em vários campos, como capaz de abrir caminho para aproximar-se de valores éticos e ecológicos. Ele insistia, em suas últimas pesquisas, no “discurso da amorosidade”, como uma espécie de *fármaco* para sanar os múltiplos problemas decorrentes das relações humanas afetadas pelo intrincamento de poder, política, linguagem e ética.

Em *O contexto refletido*, último livro publicado, Voese guia-se por algumas perguntas que devem levar a compreender as interações humanas: “*Como se dá, de fato, a*

apropriação do discurso do outro e que efeitos isso produz no discurso apreendido? Que condições de ordem contextual precisam ser preenchidas para que se processe a apropriação e a interpretação, ou seja, a que tipo de determinações sociais submetem-se tanto o enunciante como o receptor para poderem interagir valendo-se da mediação do discurso? E, ao se submeterem a diferentes pressões do contexto, como e por que incluem os interlocutores que tipo de elementos do contexto?” (p. 13, grifos do autor) Por aí pode-se compreender a dimensão atribuída pelo autor ao papel do contexto nas trocas sociais. Para fundamentar a pesquisa, Voese associa fundamentalmente as teorias de Bakhtin aos trabalhos filosóficos de Heller e Lukács, aos quais, como estudioso, sempre foi fiel. Suas outras referências mais frequentes são: Possenti, Mey, Brait, Faraco, Foucault.

O estudo está distribuído em cinco capítulos, assim nomeados: *Introdução; Discurso e contexto: uma polifonia teórica; O humor irônico: a voz que cita; Polifonia e dialogia: (des)encontros de vozes; O contexto refletido: vozes sobrepostas de um diálogo conclusivo.*

Na *Introdução*, o autor cuida em delinear os conceitos fundamentais de seu trabalho – discurso, contexto, polifonia, alteridade –, o objeto de observação – a *citação*, que ele vê como “uma forma explícita de apreensão do discurso do outro”, bem como “um processo condicionante da principal mediação do gênero humano” – e o lugar em que ela ganha um matiz especial: o *humor irônico*. É aí que Voese vai buscar a visibilidade do processo de inclusão do contexto na produção discursiva, vale dizer os traços da voz do outro sustentando o discurso, tendo por certo que cada manifestação discursiva implica fazer opções com apropriação de determinadas vozes que emergirão (*objetivação*) e produzirão certos sentidos (*apreensão/apropriação*). Ao optar pelo estudo das citações em textos de humor irônico, o autor aponta seu interesse em compreender as relações sociais num material que facilita a visibilidade dessas relações – suas formas de reprodução e de transformação no tecido social.

Tendo assim orientado os leitores, Voese passa ao capítulo *Discurso e contexto: uma polifonia teórica*. Aqui, sua perspicácia de pesquisador procura, a partir de uma noção difusa – *instância concreta* [de uso] –, estabelecer um quadro preciso para a compreensão de *contexto*, que é o cerne de seu trabalho. Ele perscruta vários ambientes teóricos e seus estudiosos (Fairclough, Lukács, Mey, Gumperz, MacCawley, Fillmore, Lüger, Bourdieu, Foucault, Zima, Gimenez, Bakhtin), mostrando o tipo de abordagem feita com referência a contexto, e observa que, em certo número de casos, a atribuição de importância ao contexto na produção do discurso não sobrepuja a ênfase “ao que pertence ao plano imediato e à atuação pessoal do enunciante” (p. 26). Ora, a chamada “intencionalidade” do enunciante

requereria uma explicação mais bem fundamentada “quanto aos motivos e interesses sociais a que ela estaria submetida” (p. 27), admitindo-se o pressuposto de Foucault de que toda sociedade tem a sua “política geral” de verdade. Em Foucault e em Bourdieu, a realidade social transcende os as relações entre indivíduos, de modo que – na interpretação de Voese – a ação subjetiva e a interação estariam prefiguradas segundo as normas do contexto social, que de algum modo são *interiorizadas*. Esse processo tiraria a ilusão de que a interação comportaria um esquema simples de trocas comunicativas; ela comportaria, na verdade, constantes conflitos, dado que se confrontam, como expressa Bakhtin, valores sociais contraditórios.

Mas, dada a ênfase de Foucault e Bourdieu em práticas sociais ritualizadas, o que, para Voese, é uma radicalização da crítica que se fez (e faz) à concepção de um sujeito cujas intenções e vontades orientariam suas atividades, o autor entende que é preciso incluir, na explicação da produção discursiva, “a idéia da pressão do conflito que leva à disputa” de referências sociais e condições de produção do que é dito. Voese estabelece, então, que *discurso* e *contexto* “não existem separados, estão definitivamente imbricados em todas as dimensões” (p. 32). Nesse processo de delimitação, Voese chega a uma compreensão do evento discursivo como algo complexo, sempre delimitado por condições sociais de produção, que configuram, para as possíveis posições subjetivas nas esferas sociais, um quadro heterogêneo de referências para a interação.

Fechando o capítulo, o autor enfatiza a voz teórica de Bakhtin para olhar o discurso do humor irônico, entre outras que abordam *discurso* e *contexto* contemplando tanto a situação imediata como a mediata da produção.

No capítulo *O humor irônico: a voz que cita*, Voese faz incursões em textos de humor centrados na ironia como meio de provocar o riso, 1. para descrever o processo interativo que leva ao riso; 2. para mergulhar no contexto e analisar modos de enunciação, preconceitos, estereótipos sociais, controle do discurso em geral. Vê, nesse processo, um enunciante apropriando-se de vozes que circulam na sociedade e trabalha sobre elas produzindo certos efeitos. Esse sujeito enunciante posiciona-se contra algo e manifesta uma crítica contundente a discursos controvertidos, modificando ou silenciando essas vozes – que representam, em última análise, contextos que aí são citados.

Neste ponto, Voese faz referência a um estudo de Sperber e Wilson sobre a ironia, e aparentemente assume a posição dos autores: a ironia refletiria um caso de *uso e menção*; aquele que enuncia estaria *usando* uma expressão e ao mesmo tempo expressando um

juízo sobre seu enunciado, realizando, assim, uma crítica. Entendo, quanto a isso, que tal posição teórica não é totalmente compatível com o pressuposto (em Bakhtin) de jogo de vozes que são apropriadas pelo enunciante (como explicitado pelo próprio Voese). Ducrot (1984), em seu *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação*, também faz referência à abordagem de Sperber e Wilson. Em seu percurso para criticar (para substituir) a teoria da unicidade do sujeito da enunciação (um enunciado-um sujeito), estabelecendo uma distinção entre *locutor* e *enunciador*, Ducrot toma como exemplo a ironia – daí a referência àqueles autores, que são, entre outros, seus inspiradores. Para ele, “mencionar um discurso”, na terminologia de Sperber e Wilson, deve ser traduzido como “fazer ouvir uma voz”, dada a ambivalência de “mencionar”, que pode levar a interpretar a ironia como discurso relatado, e nesse sentido a tese desses autores não seria admissível (quer dizer, não haveria de fato ironia ao se tentar apenas relatar um enunciado de outrem que se consideraria absurdo). Assim, a ironia escapa ao discurso relatado. Ao propor a distinção locutor/enunciador(es), o que Ducrot faz é compor sua “versão da tese Sperber-Wilson” (1984, p. 210-211). É por esse caminho que ele formula sua tese sobre o funcionamento da ironia: “Falar de modo irônico significa, para um locutor L, apresentar sua enunciação como exprimindo a posição de um enunciador E, posição sobre a qual se sabe, aliás, que o locutor L não assume a responsabilidade e, mais que isso, que a acha absurda” (p. 211, tradução minha). Talvez a formulação de Voese peque apenas por não estar suficientemente explicitada. As filigranas de sua compreensão estão, aliás, permeando a análise, deixando mais clara sua posição teórica.

O autor desenvolve o capítulo apresentando duas anedotas que são interpretadas e analisadas desde um círculo mais estreito (situação imediata, provocação do riso) passando a uma paulatina ampliação do contexto, até obter um amplo quadro de referências para a emergência de tais enunciados, que se manifestam, então, como nós em uma rede intrincada que os possibilita e justifica de alguma forma. Nas anedotas, no presente caso, ele mostra “como os discursos citam e são citados, num processo sem fim” (p. 50).

No capítulo seguinte, *Polifonia e dialogia: (des)encontro de vozes*, Voese ratifica, para começar, que o contexto representa o produto do trabalho humano e é uma referência de dimensão histórica para a percepção subjetiva, permitindo, pelos sentidos que ali ressoam, sua objetivação (da referência) como discurso.

Ele explora a discursividade de duas crônicas de Luiz Fernando Veríssimo que tematizam, de formas diferentes, o “político”, para tomar como foco a polifonia e a dialogia como encontro e desencontro de vozes. Ao aprofundar a explicação sobre o discurso citado e

o modo como o enunciante o cita, Voese entra nos meandros do estilo conforme o concebe Bakhtin, apontando o cruzamento de contextos e, portanto, de discursos que se aproximam ou se distanciam. Na ironia, a sobreposição tem um efeito marcado de distanciamento. Com a mesma metodologia de análise utilizada para as anedotas, Voese vai paulatinamente mostrando que o alcance do plano mediato na compreensão da crônica de Veríssimo depende substancialmente dos elementos contextuais de ordem histórica, social e política: essa leitura é multifacetada, heterogênea, polifônica. “A complexidade da interação mediada pelo humor irônico refere-se, especialmente, à atividade de contextualização do enunciante em armar o jogo da implicação de vozes que conduzem a uma condenação intencional e à do receptor em acessar esse conjunto polifônico de referências necessário à interpretação do convite à crítica e à cumplicidade” (p. 62-63). Esse processo inclui uma valoração que, se passa pelo indivíduo, é antes de tudo do grupo a que ele pertence – tem caráter ideológico.

Voese ainda insiste, nesse capítulo, em que a dimensão polifônica do discurso não implica harmonia, visto que a diversidade enunciativa e seu caráter de referência trazem o conflito para o centro da enunciação. A objetivação pelo discurso, por outro lado, vai concretizar o processo de dialogia entre passado (existente, retomável) e presente, este construindo-se como referência para o futuro.

Estabelecida a importância do contexto na produção e na interpretação, Voese passa a se perguntar: o que se considera como determinação de uma esfera social mediata – a ideologia – seria (e como) incluída em toda interação? Uma vez admitido que sempre estamos atuando a partir de uma esfera social e que as esferas não se fecham umas às outras, a resposta é que não há possibilidade de que alguém se dispa de sua “roupagem social”, dos interesses e valores aí agregados e atuantes. E é nesse contexto que atuam aqueles que produzem o humor irônico.

Ao analisar a segunda crônica de Veríssimo, em que o cronista toma o lugar de uma voz da elite brasileira ironizando-a (fazendo dela uma citação), Voese mostra também a possibilidade de que um grupo social, apesar dos traços marcantes de afirmações absurdas tais como aparecem na crônica em questão (*Audácia*, publicada em 2002, na ocasião em que Lula, após a vitória nas urnas, comemora tomando um vinho sofisticado – o Romanée-Conti), interprete “literalmente” sua fala e concorde com os termos ali utilizados, em vez de tomá-los como irônicos. A consequência disso, no caso, foi que Veríssimo se obrigou a explicar o mal-entendido; algo funcionara mal na leitura e a cumplicidade buscada foi frustrada em muitos casos (junto a pessoas com, segundo Voese, “pobreza referencial”).

O último capítulo da obra, *O contexto refletido: vozes sobrepostas de um diálogo conclusivo*, faz uma retomada do que foi enunciado, assumido e mostrado quanto à interação e ao peso do contexto – especificamente em textos enquadrados como discurso de humor irônico, em que a citação de vozes é explorada no sentido de mostrar a amplitude das referências para a produção e a interpretação dos discursos.

Voese salienta a importância das vozes sociais na constituição de qualquer discurso, bem como o conflito entre essas vozes em sua configuração polifônica, e o tratamento das referências no mundo social para construir julgamentos que serão manifestados nas interações. Uma das lições que se pode daí extrair é que, nas palavras de Voese, “uma interação bem conduzida exige do enunciante uma capacidade especial para fazer as leituras corretas das vozes dos outros para, assim, orientar-se quanto à maior ou menor complexidade da relação com a voz com a qual estabelecerá o diálogo” (p. 83, grifo do autor. O que ele preconiza, aqui, é que a mediação do discurso possa funcionar de modo a evitar que nos surpreendam os obstáculos que as diferenças podem gerar na interação social. Ao lidar com a heterogeneidade de vozes, que representam referências sociais para as ações humanas, a sociedade precisa buscar, diz o autor, “mediações eficazes para que as diferenças não cresçam a ponto de colocarem em risco a organização social” (p. 87).

O estudo do discurso citado na ironia – explorada em textos de humor – contribui, conforme Voese, para que se compreenda o contexto como reflexo do campo social, mostrando vozes em conflito. A genericidade do social (que permite a interação à custa de vagueza) e a singularidade do indivíduo (que produz ressonâncias específicas de sentidos) produzem na interação confrontos mais ou menos solúveis, mas às vezes insolúveis: essa característica faz com que a interação deva ser avaliada como “confrontação de forças e de poderes”. O limite dessa confrontação é aquele em que a radicalização de finalidades e pontos de vista impede qualquer mediação interativa. É aí, diz Voese, que cabe secundarizar as singularidades para dar maior peso a “generalizações mais ou menos seguras sobre a dimensão de universalidade das coisas” – ou seja, que abrem uma via para o entendimento, para a negociação, ainda que em situações mais restritas.

As páginas desse último capítulo de *O contexto refletido* compõem uma especial reflexão filosófica do autor, em cujo centro estão as referências (valores) *liberdade e vida*, a partir de Heller, que reflete sobre o conflito social e sugere esses dois valores como possíveis universais.

A obra de Ingo Voese focaliza com competência tema de interesse acadêmico e social num estilo que permite leitura agradável, o que o torna recomendável não apenas para pesquisadores, mas também para estudantes da graduação, especialmente aqueles dos cursos de Letras, de Pedagogia e de Direito, e para professores em geral.

NOTAS

- 1 Doutora em Lingüística Aplicada, professora do mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: mmarta@intercorp.com.br .
- 2 Citemos algumas: *Argumentação jurídica* (2. ed. atualizada). Curitiba: Juruá, 2006. *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2004. *Mediação dos conflitos como negociação de sentidos*. Curitiba: Juruá, 2000. *O movimento dos sem-terra na imprensa: um exercício de análise do discurso*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997. Voese ainda organizou o primeiro número temático da revista Linguagem em (Dis)curso, cujo assunto era a “subjetividade”. A edição está disponível na página do mestrado em Ciências da Linguagem da UNISUL: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0303/00.htm> .

REFERÊNCIAS

DUCROT, O. Esquisse d’une théorie poliphonique de l’énonciation. In: _____. **Le dire et le dit**. Paris, Les Editions de Minuit, 1984. p. 171-233.